VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

# *LA MAJORITÉ OPPRIMÉE* E A HISTÓRIA DA MULHER: UMA REFLEXÃO BAKHTINIANA SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNEROS

Bárbara Melissa Santana[1]

**Resumo:** O presente artigo se volta a pensar na construção histórica dos sujeitos contemporâneos representados na obra *La Majorité Opprimée* (2010). A proposta faz parte do trabalho realizado na pesquisa *"La majorité opprimée*: Ironia e inversão na crítica a imagens de feminino e masculino" em que a construção cultural e histórica do sujeito feminino é mobilizada na análise de *La Majorité Opprimée*. A análise tem em vista refletir sobre a constituição sócio histórica do sujeito a partir de recortes de cena pensados dialogicamente pela perspectiva dos estudo bakhitinianos. São mobilizados os conceitos de ideologia, enunciado, sujeito, dialogia entre demais noções do Círculo de Bakhtin que dão arcabouço para a proposta.

**Palavras-chave:** *La Majorité Opprimée*; Círculo de Bakhtin; sujeito feminino; ideologia.

***Abstract:*** This paper turns to discuss the historical construction of the contemporary subjects represented in *La Majorité Opprimée* (2010). The proposal is part of the work developed in the research named "*La majorité opprimée:* Ironia e inversão na crítica a imagens de feminino e masculino", where the historical and cultural construction of the female subject is analyzed in *La Majorité Opprimée*. The analysis aims to reflect about the social and historical constitution of the subjects from scene cuts though dialogically by the bakhtinian studies perspective. We use the concepts of ideology, enunciate, subject, dialogy and further Bakhtin Circle's concepts that ground the proposal.

**Keywords:** *La Majorité Opprimée*; Bakhtin Circle; female subject, ideology.

## Introdução

O presente artigo nasce das reflexões realizadas na dissertação de mestrado entitulada "*La majorité opprimée*: Ironia e inversão na crítica a imagens de feminino e masculino"[2], em que é analisada a construção dos sujeitos femininos no curta metragem francês *La majorité*

[1] Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP- FCLAr.
[2] FAPESP processo nº. 2015/ 11895-4

*opprimée* a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin sobre sujeito, dialogia, signo ideológico, enunciado e gênero discursivo. A obra *La Majorité Opprimée*, produzida por Eleonore Pourriat e lançada na rede social *Youtube* em 2010, aborda a problemática contemporânea da desigualdade de gêneros em uma sociedade às avessas em que homens assumem a performance social de gêneros feminina e mulheres assumem a performance social de gêneros masculina.

A análise do curta na pesquisa supramencionada é embasada em uma contextualização histórica sobre a mulher em que são contempladas transformações históricas e culturais vividas pelas mulheres ao longo dos milênios desde a Pré História. O trabalho de retomada histórica foi realizado com vistas a trazer para a análise da obra pontos da história das mulheres que dialogam com o quadro contemporâneo das relações de gênero feminino e masculino.

Pretendemos aqui abordar como se dá a proposta de análise do curta metragem em diálogo com a retomada histórica a partir da análise de uma das cenas do curta. A cena selecionada para análise aqui apresenta um embate de ideologias representado na discussão entre Pierre e Marion, casal protagonista do curta metragem. A discussão do casal se contextualiza no momento da narrativa em que a esposa, Marion, busca o marido, Pierre, no hospital após ele ter sido vítima de um estupro. Nessa cena, analisaremos como são reverberadas valorações históricas na discussão do casal e como essas valorações históricas compõem os sujeitos em questão.

**Ideologia e a formação do sujeito: considerações bakhtinianas**

Tratamos da construção dos sujeitos feminino e masculino como uma construção dada cultural e historicamente, em diálogo com as condições de existências desses sujeitos, nos pautamos em um viés dialógico sobre a teoria do Círculo de Bakhtin. Nessa perspectiva, o gênero, feminino e masculino, é construído e assim definido por meio do discurso. Pelo discurso, no ato, dá-se a performatividade de gênero. O ato, por sua vez, concretiza-se mediante realizações varáveis: a fala, o texto escrito, o silêncio, o gesto, o olhar e o andar são realizações do ato. As manifestações do ato provêm do pensamento  e do sentimento, tanto do

plano da razão como das paixões. O ato infere valores, constrói o sujeito, evoca o conjunto de outros que precede seu momento de realização e pressupõe um eco posterior de ideias que o defendem ou o refutam.

A singularidade do ato lhe é conferida na conjuntura de seu conteúdo-sentido e o momento único de sua realização. Ambos são elementos que concebem o caráter único e irrepetível do ato responsável. O momento de seu acontecimento é alicerçado sobre as condições histórico sociais que o concebem e concebem o sujeito enunciador. Essas condições são definidas por Bakhtin como "histórico-individual (factual)". O diálogo constitui, portanto, o cerne do ato responsivo/ responsável. É o diálogo entre os fatores sócio históricos que englobam o ato e definem o conteúdo-sentido que estruturam sua realização. O ato do sujeito coincide com o momento irrepetível de sua produção e infere um complexo de valores culturais e históricos que perpassam o momento enunciativo por diferentes direções. Esse complexo de valores é constituído por ideologias que se relacionam dialeticamente, em contínuo diálogo.

A materialização do posicionamento do sujeito se dá no ato responsivo- responsável e delata as ideologias que ele assume, concorda e discorda. Essas ideologias são introduzidas mediante o discurso, que se manifesta no ato e na enunciação. Ao concordar com determinado valor, o sujeito discorda de outros, e é esse caráter de posicionamento que traz à tona o conteúdo ideológico discursivo que engendra o enunciado e constrói o sujeito em questão.

A teoria do Círculo discorre e se fundamenta sobre o caráter constante de formação do sujeito, aspecto relevante, sendo ele social e concebido por diálogos sociais que contatam seu mundo exterior a todo instante. Para o Círculo, existe um sujeito que altera o mundo ao seu redor à medida que também ele é alterado por esse mundo.

Ao longo das reflexões do Círculo, somos guiados a pensar em um sujeito que dialogicamente, se molda de acordo com cada elemento que o contorna, e estes, devidamente ligados ao heterogêneo horizonte ideológico vigente, assim como às manifestações sociais, culturais e singulares de cada evento. Entendemos, em concordância com os traços teóricos deixados por Bakhtin, que lidamos com um sujeito que não é terminado. A última realização desse sujeito não acontece, pois não há o último, já que o último pressuporia um fim e esse sujeito jamais tem um fim, um acabamento legítimo e perpétuo. O sujeito não morre, pois não

é sujeito em carne e osso. Assim, como elemento valorativo, como discurso, o sujeito há de interferir incansavelmente em seus outros e ser por eles também renovado. O sujeito, em sua formação subjetiva, é plural e representa mais que uma única voz dele mesmo, ele é o resultado do encontro e o diálogo de vozes que se dispõem historicamente e dialoga com outras ideologias.

Na palavra do sujeito como falante deve-se considerar a essência ideológica oriunda de um extrato superior. O conteúdo subjetivo e individual do discurso do sujeito alicerça-se sobre um prisma delineado a partir da concepção objetiva e social de dada esfera. O sujeito apropria-se dos fios ideológicos constituintes do mundo que o rodeia e constrói-se mediante seu próprio discurso, em razão da linguagem e dialogicamente. As relações que formam, deformam, reformam e transformam o discurso são elaboradas dialogicamente, ligam-se, contradizem-se, concordam e discordam entre si, tecidas por fios ideológicos de cunho e inferências históricas e sociais. O complexo gerado a partir das múltiplas vozes encontradas nesse amalgamo define o sujeito.

**Embate ideológico e a reverberação de vozes: o sujeito sócio histórico**

A cena, que ocorre aos 8’ e 9” do curta metragem, revela a discussão do casal na saída do hospital em que Pierre foi consultado após ter sido estuprado. A discussão se inicia quando Pierre (Figura 1), que andava devagar por ter sido machucado no ato do estupro, diz que “não aguenta mais essa sociedade femista”. A observação feita por Pierre se refere aos fatos anteriores da trama em que ele foi estuprado e colocado à prova na delegacia por uma delegada, além de todos esses fatos terem se dado no “Dia internacional do homem”. Esse encadeamento de fatos denota que a sociedade às avessas onde se passa a narrativa se mostra tão “femista” quanto se mostra machista nossa sociedade patriarcal, onde, em pleno “Dia do homem”, data em que se prega o respeito e amor aos homens, um homem é estuprado e desafiado na delegacia.

Na obra, o termo “masculinista” é trabalhado na obra com equivalência ao termo feminismo e se refere à luta dos homens na busca da igualdade de gêneros já que nessa

sociedade às avessas, os homens ocupam um espaço social de desvantagem em relação à supremacia feminina.

O recorte de cena da figura 1 ecoa o estado de saturação do personagem em relação à desigualdade de gêneros naturalizada na sociedade francesa em que vive. É o momento da narrativa em que Pierre se mostra farto dessa condição de existência do homem em na sociedade femista. A enunciação revela o conflito ideológico colocado em pauta na obra e a reviravolta da personagem nesse contexto. Como sujeito social e formado em diálogo com a cultura e a história, o personagem se posiciona diante da injustiça instaurada socialmente e por ele aceita até então.

**Figura 1**

A personagem continua a argumentar contra o "femismo" dessa sociedade e na figura 2, ele retoma a história do movimento feminista ao dizer que "Parece que nossos irmãos lutaram por nada". Nesse ponto, somos levados a pensar na constituição histórica dos sujeitos feminino e masculino em nossa sociedade no q eu diz respeito aos paradigmas patriarcais que nos delineia como sociedade. Pierre é a semiotização do sujeito feminino contemporâneo na obra, ele representa o embate ideológico vivido pelas mulheres no mundo ético

contemporâneo. Esse personagem representa a luta das mulheres por mais direitos e a desigualdade de gêneros por elas vivenciadas hoje.

O sujeito Pierre, representado em *La Majorité Opprimée*, é uma construção dialógica que tem como parte constituinte de si, o passado e dentro desse passado, as lutas dos homens por direitos equivalentes aos direitos das mulheres nessa sociedade às avessas. Esse conflito ideológico constitui o personagem Pierre e, nesse sentido, os pontos da história marcados por lutas "masculinistas" – o que na obra, equivale a feminista- também constituem esse personagem.

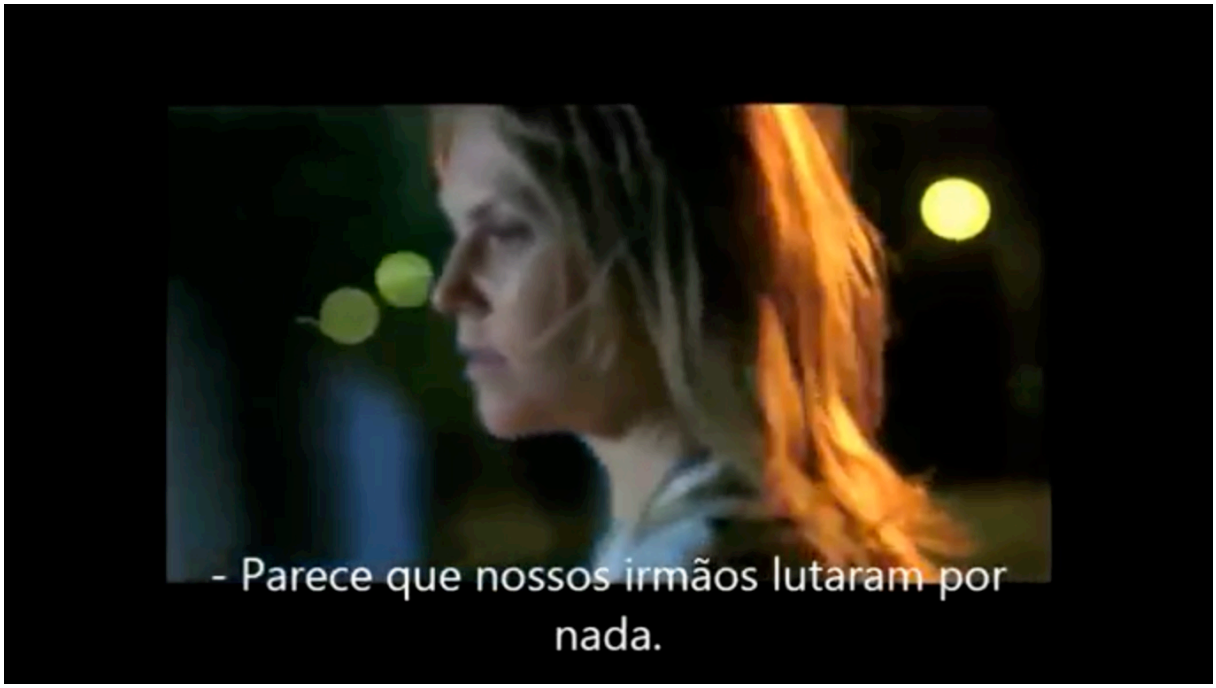


**Figura 2**

O sentido da enunciação "Parece que nossos irmãos lutaram por nada" está imbricado nessa relação do presente na obra com o passado histórico em que outros homens lutaram por igualdade e respeito nessa sociedade hierarquicamente pertencente ao gênero feminino. Nesse ponto, assim como o sujeito é construído em diálogo com valorações dadas historicamente, também o enunciado tem uma constituição sócio histórica.

Esse posicionamento de Pierre diante dos fatos ocorridos nesse dia enfurece sua esposa, Marion, que foi buscá-lo no hospital e o acompanhava até o carro (Figura 3). Para ela,

as palavras de Pierre são reclamações sem sentido. Pela perspectiva de Marion, uma mulher em uma sociedade de mulheres, que busca seu esposo no hospital após ter sido estuprado, o sentimento de exaustão de Pierre diante da dor por ele sentida em ser socialmente visto como um sujeito inferior, é incompreensível.

O embate entre o posicionamento feminista e a voz tradicional machista se torna evidente nesse ponto em que o homem, cansado e machucado se sente ofendido pela naturalização da violência e da inferioridade masculina, enquanto a mulher acha cansativo ter que ouvir os argumentos do homem sobre a posição dele na sociedade.

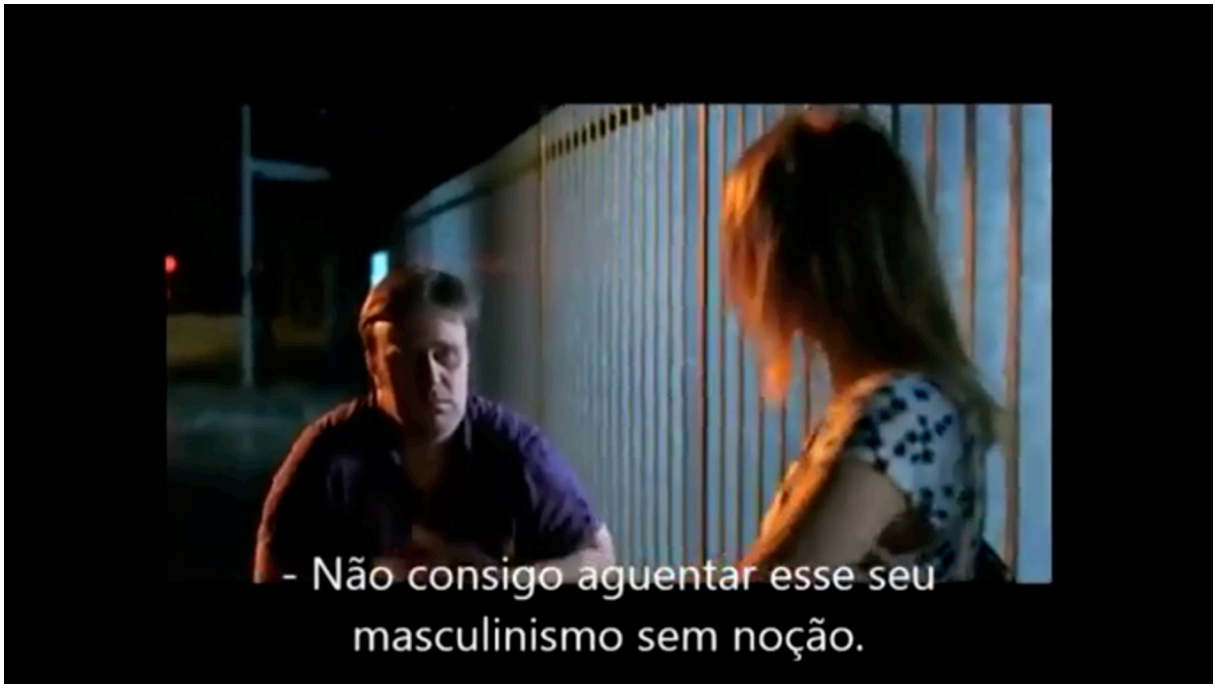


**Figura 3**

Marion representa na obra o posicionamento machista de homens e mulheres na sociedade contemporânea. Ela ignora as evidências da desigualdade de gêneros qualifica o masculinismo de Pierre como "sem noção". A adjetivação de Marion ao posicionamento masculinista de Pierre mostra como seu machismo ignora a desigualdade evidente no tratamento cotidiano entre os gêneros masculino e feminino. O masculinismo de Pierre é "sem noção" pois questiona a superestrutura femista vigente nessa sociedade. Quando Pierre reclama dessa condição social, ela desafia a ordem vigente pois ele se mostra cansado de uma

verdade social ditada pela ideologia oficial que é equivalente a ideologia oficial patriarcal da sociedade contemporânea. Ao questionar o sistema e seu modo de influência e manutenção de hierarquias sociais, Pierre desagrada sua mulher que, na trama, ocupa um lugar de privilégio nessa estrutura, pois ela é mulher.

Nesse sentido, quando Marion diz "Não consigo aguentar mais esse seu masculinismo sem noção" (Figura 3), ela assume o papel machista de não se importar com a realidade de desigualdade e também ressoa o estereótipo masculino de não ter paciência com "conversinhas de mulher". Essa incorporação do estereótipo masculino reverbera uma construção histórica e cultural de mulher como "fala demais" e homem que não se importa com a falação feminina.

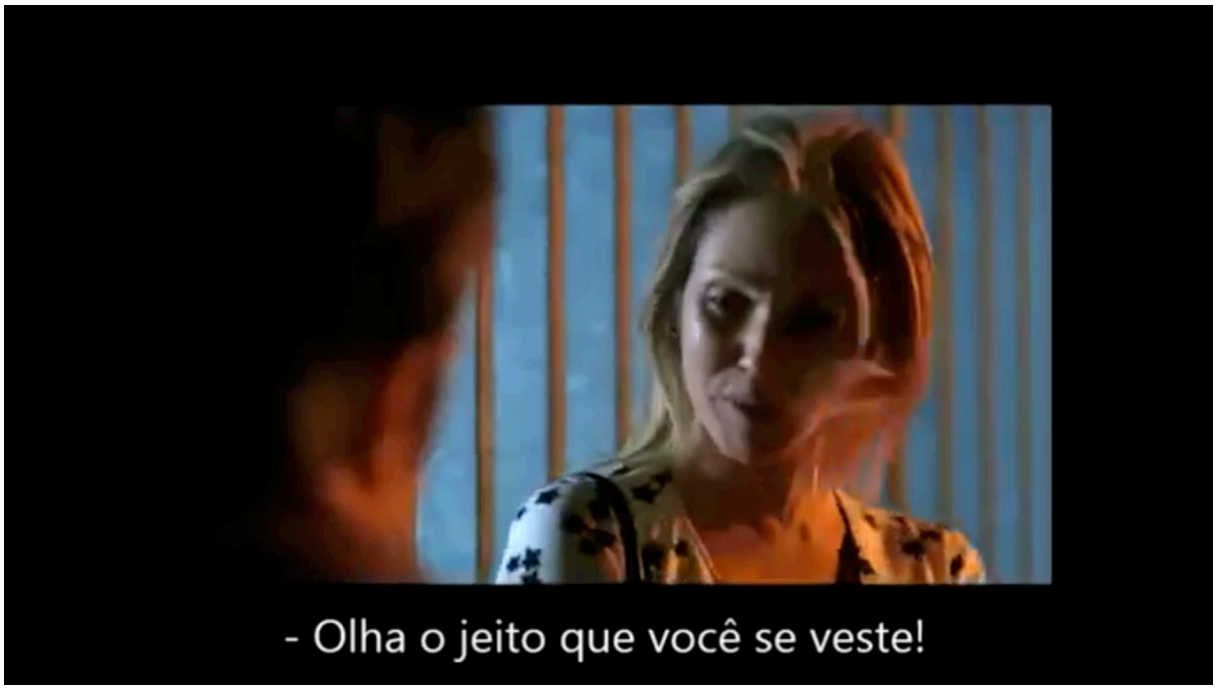


**Figura 4**

Essa construção histórica se pauta nitidamente em diversos momentos da história da mulher. A princípio, no nascimento do patriarcado, localizado historicamente ainda na Pré história, as primeiras civilizações deixam de ser essencialmente matriarcais para se organizarem em grupo regidos por homens e famílias lideradas por homens. Nesse momento, a voz da mulher em um contexto organizacional dos grupos humanos começa a ser

desvalorizada e calada, em detrimento do poder da voz masculina e da influência do homem em razão de sua maior força. O sistema patriarcal instaurado ainda nesse período se reverberou nos períodos históricos subsequentes e em momentos como a Antiguidade e a Idade Média, o silêncio feminino e a influência masculina foram aspectos primordiais na sociedade. Os feitos políticos e religiosos dados nesses períodos foram realizados essencialmente por homens, já que a mulher era proibida de interferir em assuntos sérios, que necessitassem de reflexão e estratégia, como o governo e a opinião pública. Exceto em casos de determinadas sociedades nórdicas e casos como o espartano, em outras partes do mundo, o poder foi exclusivamente dado nas mãos de homens.

Essa breve retomada histórica tem como intuito trazer para a discussão o papel da mulher em contraposição ao papel do homem ao longo da história. Como visto, o silêncio feminino e o poder de voz e diálogo dado culturalmente ao homem são construções ocorridas historicamente que ainda repercutem na sociedade contemporânea, assim como observado na figura 3. Quando Marion se cansa de ouvir Pierre reclamar da desigualdade de gêneros, a cena revela essa construção social do poder masculino em contraposição à submissão feminina que se instauraram na contemporaneidade através da história e seus diversos momentos.

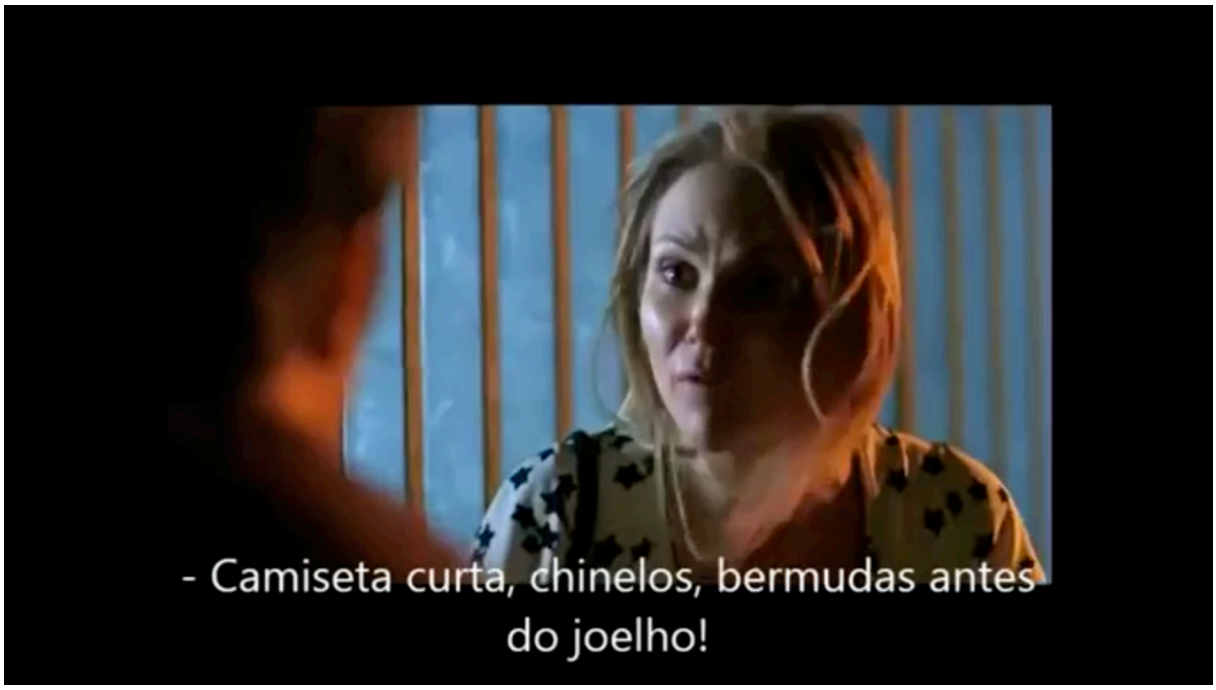


**Figura 5**

Assim como na figura 3 Marion diminui os argumentos de Pierre, nos seguintes recortes de cena, ela censura Pierre por seu jeito de se vestir. Quando Pierre diz "Parece que nossos irmãos não lutaram por nada", ele se refere à realidade que o oprime por ser homem. A luta pelos direitos foi inútil, pois no presente ele ainda não vive os mesmos direitos das mulheres e a consequência disso é uma sociedade em que um homem sozinho ao andar em uma rua vazia, é estuprado. Entretanto, a insegurança feminina representada nessa sociedade às avessas é vista, pela ótica machista, como culpa da própria mulher, assim como o estupro de Pierre é visto como culpa dele mesmo (Figura 4).

**Figura 6**

Nos três seguintes recortes de cena, a esposa culpa Pierre pelo estupro por ele sofrido. A cena é trazida na sequência de recortes das figuras 4, 5 e 6, onde Marion diz a Pierre "Olha o jeito que você se veste" (Figura 4), "Camiseta curta, chinelos, bermudas antes do joelho" (Figura 5) e "Então não ouse reclamar" (Figura 6). As palavras de Marion direcionam a culpa pelo ocorrido a Pierre, responsabilizando-o pelo ocorrido e finaliza dizendo que ele não pode ousar reclamar, pois usa roupa curta. A censura de Marion representa a censura ao corpo feminino na sociedade contemporânea, onde a mulher que "não se dá ao respeito" ou "não se

valoriza" se submete ao assédio e ao estupro. A noção de "dar-se ao respeito" para o gênero feminino é um aspecto da desigualdade de gêneros na sociedade contemporânea que reverbera valorações culturais de outros períodos históricos. O corpo da mulher é censurado desde o domínio patriarcal, pois nesse sistema, as mulheres "pertencem" a um homem. Hoje, a sociedade aos poucos se emancipa dessa noção da custódia feminina, oficial até meados do Renascimento. A custódia, por sua vez, era até o século XVII, um modo de controle da mulher, já que acreditava-se que ela não tinha capacidade de cuidar de si própria. As mulheres viviam suas vidas sobre a tutela de um homem, que eram comumente o pai até a idade do casamento e depois o marido. Mesmo que trabalhassem, por terem salários menores, elas viviam sob a guarda de um homem, que poderia também ser um patrão, no caso das servas e criadas.

A censura ao modo de Pierre se vestir, implica que seu corpo está à disposição das mulheres que o assediam e estupraram. Essa inversão de valores revela uma construção cultural e histórica da submissão feminina à figura masculina. O sujeito feminino e os embates ideológicos que o configuram são construções dialógicas que se dão social e historicamente.

## Considerações (não) finais

A desigualdade de gêneros na sociedade contemporânea que é criticada no curta é um dado social que se faz presente não apenas na contemporaneidade, mas que é recorrente ao longo dos demais períodos da história. Os valores são construídos cultural e historicamente e as significações da obra só tem sentido em diálogo com a história que delineia essas construções.

Nesse sentido, a configuração do sujeito feminino contemporâneo reverbera valorações de outros momentos históricos. A desigualdade de gêneros hoje existente não é uma realidade paralela e única, mas um conflito ideológico que se deu ao longo de séculos e que ainda se reflete na sociedade contemporânea. Os estereótipos de gêneros hoje verificados são construções que se deram e fortaleceram historicamente. Nesse sentido, a análise dialógica da cena delimitada para análise neste artigo nos comprova que o conflito criticado

no curta metragem *La Majorité Opprimée* é um conflito que dialoga com a cultura e a história, que se constrói na cultura e na história ao mesmo tempo que também constrói a cultura e a história. Assim, o sujeito, como social e histórico, se constrói em diálogo com tais valorações e também as constrói.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M.(VOLOCHINOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN. M. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.

BAKHTIN. M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

CUNHA, M. S. V. Corpo mulher e sociedade. In. ROMERO, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995.

DUBY, G.; PERROT, M. História das Mulheres no Ocidente. Volume 1. *A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, Ltda.

ELEONOREPOURRIAT1. *Majorite Opprimee, un film d'Eléonore Pourriat (2010)*. Disponível em : < https://www.youtube.com/watch?v=kpfaza-Mw4I>. Acesso em 01 Set. 2016.

PAULA, L. de. *O SLA Funk de Fernanda Abreu*. Tese de doutorado, desenvolvida na UNESP – CAr. Orientação de Renata M. F. C. Marchezan. Araraquara: Mimeo, 2007.

PAULA, L. de (Org.). *Discursos em perspectiva*: humanidades dialógicas. Campinas: Editora Marcado de Letras, 2014.